

## CONTRARIAR O MANUAL DO KREMLIN NA AMÉRICA LATINA

Policy Brief nº 153, dezembro de 2024

Na sequência da sua agressão não provocada na Ucrânia, a Rússia procurou um refúgio seguro para as suas extensas redes de negócios e de investimento estacionadas no Ocidente, enfrentando uma pressão crescente das sanções internacionais. Em resposta, reorientou a sua estratégia para a Ásia, África e América Latina, regiões onde o Kremlin tem cultivado a sua influência desde a era soviética e expandiu a sua pegada económica na última década. Intensificou também os seus esforços para influenciar os governos e a opinião pública destes países, a fim de os virar a seu favor no confronto com o Ocidente. *O Manual do Kremlin para a América Latina*<sup>1</sup> combinou uma estratégia de **poder duro** ligada ao seu envolvimento no setor da defesa, a grandes projetos estatais e à coerção económica, bem como a utilização de instrumentos de **poder agudo** baseados na produção em massa e na disseminação de narrativas antiocidentais, iliberais e anticoloniais.

O Kremlin tem procurado utilizar acordos de fornecimento estratégico e projetos de infraestruturas de grande escala para posicionar a Rússia como um ator económico fundamental na região, o que lhe tem permitido influenciar as decisões estratégicas e de política externa dos países latino-americanos. Embora a pegada económica da Rússia na região continue a ser relativamente pequena, o Kremlin conseguiu, em alguns casos, envolver muitos países em relações **de dependência assimétricas**, especialmente em setores estratégicos **como a energia e a agricultura**, que são frequentemente controlados por elites locais pequenas e bem relacionadas, facilitando **a captura do Estado** e a influência política. Além disso, as empresas russas tiraram partido da crescente instabilidade dos mercados mundiais de matérias-primas, em parte causada pelas guerras conduzidas pelo Kremlin, para

### PONTOS-CHAVE

- A Rússia retomou o seu compromisso com a América Latina, oferecendo projetos patrocinados pelo Estado e utilizando instrumentos de coerção económica, poder agudo e guerra de informação, **explorando** frequentemente **os défices na governação e reforçando a captura do Estado**.
- As iniciativas do Kremlin na região têm-se centrado em setores-chave como a **energia e a agricultura**.
- As principais empresas russas **de petróleo e gás** conseguiram uma presença significativa na América Latina, gerando cerca de **14 mil milhões de dólares em receitas** provenientes da venda de produtos petrolíferos com desconto a partir de 2022.
- Moscovo expandiu a sua carteira de **projetos nucleares** e tirou partido das **vastas reservas de lítio** da região.
- Os fornecedores de fertilizantes russos investiram milhares de milhões na instalação de fábricas na região, impulsionados pelo **aumento das exportações de fertilizantes russos** para a América Latina. De facto, o Brasil já representa 25% das vendas globais de fertilizantes russos.
- Algumas das 100 maiores empresas russas, incluindo muitas sancionadas pelo Ocidente, aumentaram o valor dos seus ativos financeiros **depositados em paraísos fiscais das Caraíbas para 70 mil milhões de dólares**.
- A Rússia tem utilizado **instrumentos de poder agudo** para cooptar as elites políticas, as organizações da sociedade civil, as redes culturais e académicas e os meios de comunicação social, promovendo narrativas que fragilizam a coesão social e política na região.
- A implementação de **reformas em matéria de governação e de responsabilidade**, as medidas de diversificação económica e a cooperação internacional são essenciais para contrariar as táticas de captura do Estado ligadas ao Kremlin na região.

<sup>1</sup> Vladimirov, M., Rueda, G., and Osipova, D., *Global Reach: The Kremlin Playbook in Latin America*, Sofia: Center for the Study of Democracy, 2024.

aumentar a sua quota nos mercados do petróleo e dos fertilizantes.

Para amplificar o impacto da pegada económica da Rússia na região, o país tem procurado **cooptar elites políticas**, organizações da sociedade civil, redes culturais e académicas e os meios de comunicação social, promovendo narrativas que minam a coesão social e política na região. Os meios de comunicação tradicionais da América Latina, muitas vezes com recursos limitados, têm sido os mais suscetíveis de aceitar sem crítica os conteúdos gratuitos em língua local oferecidos pela Sputnik e pela RT, amplificando inadvertidamente o alcance e o impacto das narrativas enganosas do Kremlin. Além disso, a falta de controlo sobre os algoritmos de conteúdo das plataformas das redes sociais no espaço mediático local permitiu a proliferação de fábricas de trolls do Kremlin.

## Compreender a estratégia do Kremlin para a América Latina

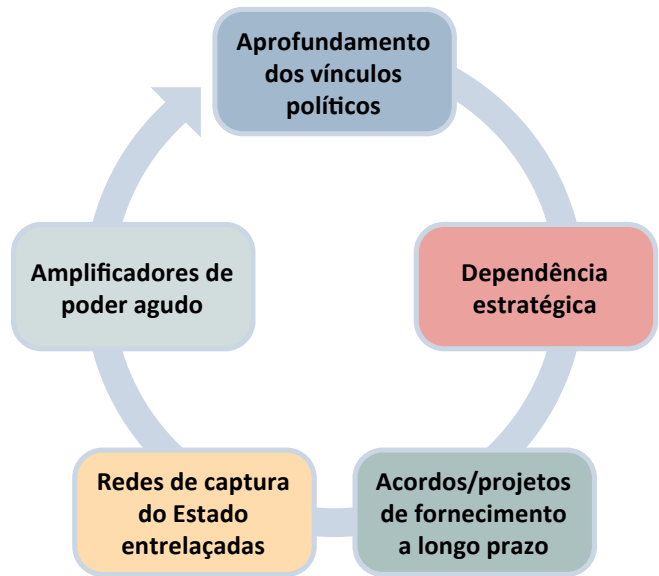
A captura do Estado está no centro do Manual do Kremlin, refletindo a natureza do regime de Moscovo e a sua estratégia para influenciar a paisagem política e económica dos países-alvo. **A captura do Estado** refere-se à infiltração e subversão dos mecanismos de controlo da governação democrática e da economia de mercado de uma nação através da corrupção, da manipulação e do estabelecimento de ligações abertas e encobertas com as elites e os líderes políticos locais.<sup>2</sup> A Rússia tem utilizado com êxito esta tática em todo o mundo e na América Latina, onde tem procurado estabelecer relações de dependência com líderes e facções políticas com fortes interesses autoritários e reacionários contrários ao Ocidente.

As redes de captura do Estado tecidas pelo Kremlin tiram partido das lacunas de governação, como a corrupção, a falta de transparência e a fragilidade do Estado de direito, criando um terreno fértil para as operações de influência russa, permitindo a Moscovo exercer uma influência que não seria possível em países com instituições e quadros regulamentares mais fortes.

A América Latina é particularmente vulnerável a estas táticas de captura do Estado. Embora disponha geralmente de sistemas eleitorais competitivos, as

<sup>2</sup> Vladimirov, Rueda and Osipova, *Global Reach*, Sofia: CSD, 2024. A avaliação do Manual do Kremlin centra-se em cinco dos países mais vulneráveis à interferência autoritária estrangeira na região: Venezuela, Bolívia, Brasil, Argentina e Panamá.

**Figura 1. O ciclo não-virtuoso da estratégia de captura do Estado pelo Kremlin**



Fonte: CSD.

facções políticas poderosas controlam tradicionalmente as alavancas fundamentais do processo de tomada de decisões, favorecendo interesses regionais, étnicos ou privados específicos. Moscovo tem prestado apoio seletivo e ilimitado a estas forças políticas locais, abrindo **uma janela de oportunidade** para o seu objetivo geopolítico mais vasto de minar a influência dos EUA na região. Este apoio assume a forma de ajuda financeira, acordos económicos vistosos entre Estados, aconselhamento estratégico, formação militar e cooperação em matéria de informações.

O Kremlin tem utilizado com sucesso estas táticas de captura do Estado para se envolver com captadores privados ou controlados pelo Estado, existentes ou aspirantes, em países-alvo, procurando dominar mercados estratégicos como a energia, as infraestruturas e a agricultura. A este respeito, a Rússia tem sido surpreendentemente hábil a aproveitar recursos modestos para fazer avançar os seus objetivos na região, utilizando também as suas **redes oligárquicas informais** para consolidar uma posição forte nos principais mercados regionais. Uma tática fundamental tem sido o investimento em projetos de infraestruturas de grande escala, vistos como uma oportunidade para envolver os países-alvo em relações económicas assimétricas a longo prazo, que podem ser aproveitadas para exercer influência política no futuro. Além disso, estes projetos exploram e reforçam as práticas existentes de captura do Estado em instituições locais importantes.

Embora a América Latina não tenha sido o principal destinatário dos fluxos financeiros russos, a região tornou-se vulnerável à penetração política através de investimentos específicos e oportunos, bem como a **crecentes dependências comerciais estruturais**. O Kremlin explorou eficazmente a mudança global no comércio de matérias-primas, na sequência da sua invasão em grande escala da Ucrânia em 2022, para garantir uma posição estratégica nos mercados do petróleo, dos fertilizantes e dos recursos naturais.

Para além disso, tal como a China, a Rússia patrocina frequentemente empréstimos intergovernamentais ou comerciais que fingem ser apoio ao desenvolvimento, mas com negociações pouco transparentes, condições ocultas e com recursos canalizados de uma forma que favorece a captura do Estado. Por exemplo, os fundos podem ser direcionados para empresas específicas com margens de lucro elevadas, que depois apoiam a campanha de reeleição dos líderes políticos no poder.

Em muitos casos, o Kremlin procura operar indiretamente através de empresas estatais e de redes de fornecedores privados, subcontratantes e entidades empresariais sediadas em paraísos fiscais cujas estruturas de propriedade não estão claramente identificadas. Desta forma, é possível à Rússia manter uma aparência de dissociação, tornando difícil provar o seu envolvimento direto. Estas entidades, muitas vezes ligadas em última instância a uma empresa estatal, ao Kremlin ou a oligarcas locais, concentram-se em setores com elevadas barreiras à entrada, como os requisitos de licenciamento estatal, os monopólios naturais ou os que dependem fortemente de subsídios estatais.

## Mapa da presença económica da Rússia na América Latina

Desde que Vladimir Putin chegou ao poder em 2000, a Rússia retomou as relações económicas com a América Latina com o **objetivo de conquistar novos mercados em setores estratégicos** como a energia, os metais e os minerais, a agricultura, a defesa e as infraestruturas. Moscovo combinou este poder económico, centrado no Estado e na oligarquia, com as redes de segurança da era da Guerra Fria e um crescente ressurgimento do envolvimento militar na região.

O ponto alto (até agora) do manual do Kremlin para a América Latina foi alcançado na Venezuela, onde a Rússia se tornou o poder de facto. A Rússia **ajudou a**

**Venezuela a evitar o isolamento económico** durante o período de sanções dos EUA e da UE, mobilizando uma coligação de Estados que partilham as mesmas ideias, como a China, o Irão, Cuba e a Turquia, para dar legitimidade internacional ao regime. Até à data, isto tem sido suficiente para manter o regime de Maduro no poder, apesar da persistência de fraudes maciças nas eleições presidenciais.

No entanto, apesar das intenções públicas de reforçar a cooperação comercial com os países latino-americanos através de múltiplos acordos bilaterais, a América Latina continua a não ser um parceiro comercial importante para a Rússia. Esta situação está a mudar, uma vez que o comércio bilateral com o país tem crescido exponencialmente graças ao aumento considerável das exportações russas de produtos petrolíferos e fertilizantes para a região. Analisando mais de perto a estrutura da pegada económica da Rússia, **os seus parceiros comerciais mais importantes** na América Latina passaram a ser o Brasil, o México, a Argentina, o Chile e o Equador.

### Unidades de negócio

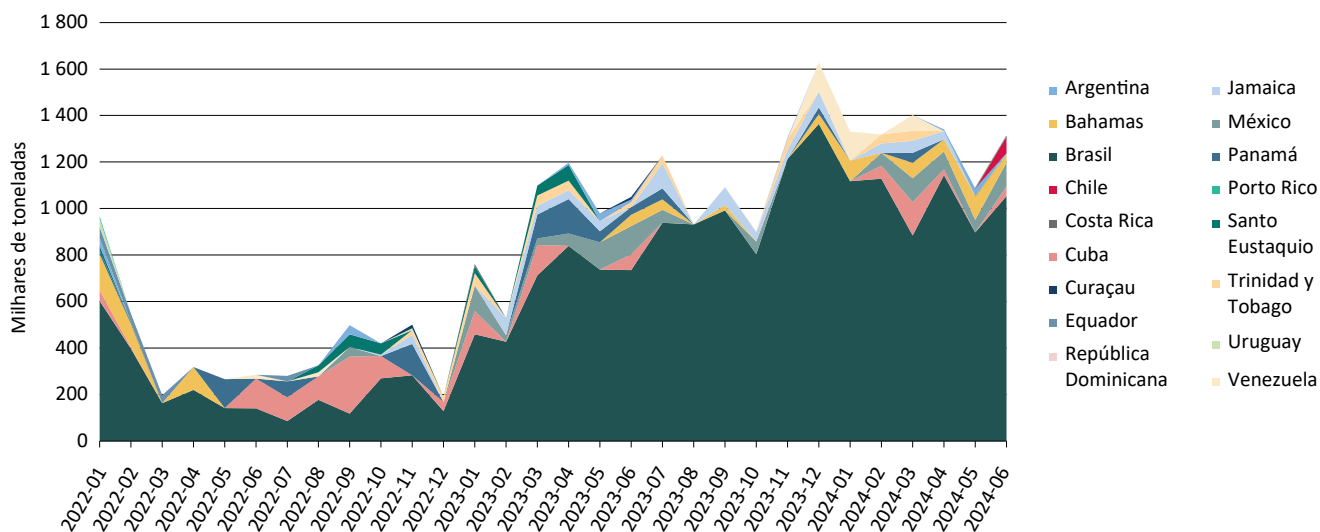
Após o início da invasão da Ucrânia e as subseqüentes sanções impostas à Rússia, os preços de exportação do petróleo russo caíram a pique. Esta situação foi explorada por vários países latino-americanos, como a Argentina, o Brasil e o México, que beneficiaram da mudança no mercado para aumentar as suas importações da Rússia. De facto, **as vendas de petróleo russo para a América Latina aumentaram sete vezes desde o início da guerra na Ucrânia**, atingindo um pico entre 300.000 e 330.000 barris por dia (bpd), aproximadamente 5% do total das vendas diárias de petróleo russo no estrangeiro.<sup>3</sup> Com base no preço médio do diesel russo no mercado mundial, a Rússia gerou pelo menos **13,5 mil milhões de dólares em receitas** do seu negócio petrolífero na América Latina.

A invasão da Ucrânia pela Rússia também fez disparar **os preços dos fertilizantes**, uma vez que os produtores agrícolas de todo o mundo agiram prontamente a garantir o abastecimento. A Rússia aproveitou esta instabilidade do mercado para aumentar as suas exportações e conquistar uma maior quota de mercado, oferecendo descontos de 20% a 30%.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Soldatkin, V., and Kobzeva, O., "Russia extends oil exports cuts of 300,000 barrels per day until year-end, deputy PM Novak says", *Reuters*, September 5, 2023.

<sup>4</sup> Gurkan, E., "Russia profits from coal exports despite discounted prices", *Anadolu Agency*, October 20, 2022.

**Figura 2. Importações de produtos petrolíferos russos por país destinatário na América Latina (2022-2024) em milhares de toneladas**



Fonte: CSD com base em dados KPLER.

Os países da América Latina são particularmente vulneráveis à **crise do mercado dos fertilizantes**, uma vez que as exportações de produtos alimentares representam uma parte significativa do seu PIB. Por esta razão, aproveitaram a oportunidade para obter fertilizantes russos a baixo custo. O exemplo mais claro é o **Brasil**, que se tornou o **maior mercado mundial de fertilizantes russos**, representando 25% das vendas globais da Rússia.<sup>5</sup> Dada esta dependência, as flutuações do mercado ou eventuais sanções futuras sobre as exportações de fertilizantes poderiam ter um impacto grave na produção agrícola brasileira, com profundas consequências económicas para os preços mundiais dos produtos alimentares. Esta dependência estrutural é semelhante à forma como a Rússia tem historicamente utilizado o fornecimento de gás natural para **influenciar a política externa e estratégica da Europa em relação ao Kremlin**.

### Fluxos de capitais

Nas últimas duas décadas, as empresas russas aumentaram o seu investimento direto estrangeiro (IDE) global em mais de 200%, atingindo cerca de 350 mil milhões de dólares na véspera de uma invasão em grande escala da Ucrânia em 2022.<sup>6</sup> No entanto, o volume de

IDE russo na América Latina continua a ser reduzido. Excluindo os investimentos dos paraísos fiscais das ilhas das Caraíbas, o investimento russo na região teria sido marginal.

**Determinar a verdadeira dimensão dos fluxos de capitais russos para a América Latina é um desafio.** Em muitos países, os dados sobre investimentos são confidenciais, e os investimentos são frequentemente canalizados através de redes de empresas de fachada para **ocultar a propriedade final dos fluxos de capital**, incluindo os destinados a outras economias latino-americanas.<sup>7</sup> Por exemplo, nos últimos 20 anos, o governo russo e as suas empresas estatais investiram pelo menos 17 mil milhões de dólares, principalmente sob a forma de **empréstimos à indústria petrolífera venezuelana**. Estas entradas de capital não foram registadas nem pelo banco central venezuelano nem pelo russo, uma vez que ambas as instituições as consideram confidenciais.

Também existem, frequentemente, discrepâncias entre os dados de investimento do banco central russo e os fornecidos pelas autoridades nacionais. **O banco central russo regista todos os fluxos de investimento de beneficiários efetivos no país**, mesmo que sejam canalizados através de países terceiros, embora o acesso público a esta informação tenha sido interrompido

<sup>5</sup> Helou, T., "Brazil's Reliance on Russian Fertilisers: A Vulnerability Turned Geopolitical?", *United Nations University, Institute on Comparative Regional Integration Studies*, June 15, 2022.

<sup>6</sup> Kuznetsov, A.V., "Russian Direct Investment in Countries of Latin America", *Russian Academy of Sciences*, 2022, 92 Suppl 9: S859-64.

<sup>7</sup> Parraga, M., and Ulmer, A., "Special Report – Vladimir's Venezuela: Leveraging loans to Caracas, Moscow snaps up oil assets," *Reuters*, August 11, 2017.

em 2022. No entanto, ao contrastar estes dados com os fornecidos pelas autoridades de diferentes países da América Latina, é possível identificar casos como o do Brasil.<sup>8</sup> De acordo com a autoridade estatística brasileira, o IDE russo ascende apenas a 3 milhões de dólares, enquanto os dados oficiais russos indicam que os investimentos no Brasil atingiram 2 mil milhões de dólares em 2022. Ao mesmo tempo, vários países da América Latina estão a receber grandes volumes de IDE dos Países Baixos, do Luxemburgo e da Suíça, que acolhem as filiais comerciais e de investimento de algumas das maiores multinacionais russas que operam fora da Rússia. Por conseguinte, é provável que **a dimensão efetiva do IDE russo na região seja muito maior.**

Em termos de distribuição setorial, a maioria dos investimentos russos concentra-se nos setores **da energia, dos recursos naturais, da agricultura e da tecnologia e informação.** As sanções ocidentais poderão incentivar mais empresas russas a explorar oportunidades na América Latina. No entanto, devido ao atraso histórico e **às fortes** pressões concorrenciais, é pouco provável que tal venha a transformar significativamente a presença económica da Rússia na região, obrigando o Kremlin a continuar a recorrer a táticas não comerciais para ganhar influência.

### Pegada empresarial

A presença de empresas russas na América Latina é limitada. Atualmente, cerca de **270 empresas russas de grande e média dimensão** operam cerca de 280 filiais na região. Embora algumas das maiores entidades estatais e privadas russas estejam ativas na América Latina, as suas atividades comerciais são pequenas e representam apenas uma fração das suas receitas globais e/ou da sua força de trabalho. No total, as empresas de propriedade russa na América Latina registaram cerca de **10 mil milhões de dólares em vendas na região**, o que equivale a menos de 5% das receitas globais das suas empresas-mãe. No entanto, em termos de ativos financeiros, a Rússia tem uma presença significativa **em centros offshore nas Caraíbas**, onde algumas das **125 maiores empresas russas** registaram as suas empresas-mãe.

Cerca de 80% destas empresas estão sujeitas a algum regime de sanções na Europa ou nos EUA, o que as torna um alvo fácil para ações judiciais. **As empresas de fachada offshore controlam cerca de 70 mil milhões de dólares em ativos russos** a partir de 2023, um au-

mento de mais de 10% desde a invasão russa da Ucrânia. Entre os principais destinos destas atividades encontram-se as Ilhas Virgens Britânicas (IVB), o Panamá, Curaçau e as Ilhas Caimão, que se estabeleceram como paraísos seguros fundamentais para as entidades russas.

A utilização pela Rússia de centros financeiros offshore na América Latina, especialmente no Panamá, também serve como um **mecanismo fundamental para contornar as sanções internacionais.** Estes centros não só permitem o branqueamento de capitais russos, como também facilitam a evasão às sanções contra os regimes autoritários da região. Por exemplo, as empresas russas registam petroleiros no Panamá sob outras bandeiras, permitindo que países como a Venezuela continuem a exportar petróleo apesar das sanções dos EUA e da UE. Além disso, **o Panamá é responsável pelo registo da maior parte da frota fantasma russa**, destinada a contornar o limite máximo do preço do petróleo imposto pelo G7.

A presença das empresas russas na América Latina está concentrada em setores como a **energia, a extração de recursos naturais e os fertilizantes.** Embora os investimentos no setor da energia tenham sido o principal foco da atividade económica do Kremlin, as empresas russas conseguiram expandir a sua presença noutras áreas estruturalmente importantes da economia latino-americana.

Um exemplo importante é o papel crescente das empresas russas no fornecimento de **fertilizantes** à América Latina. O Brasil é responsável por mais de 75% das receitas que essas empresas geram na região.<sup>9</sup> É importante notar que a América Latina contribui com 14% da produção agrícola mundial e 23% das exportações agrícolas, atividades que dependem fortemente da utilização maciça de fertilizantes químicos, em relação aos quais a Rússia detém uma quota de mercado significativa, tanto na produção como na comercialização, constituindo um **instrumento estratégico ideal para influenciar** a região.

As empresas russas também têm participado ativamente em **grandes projetos de infraestruturas estratégicas**, como a construção de caminhos de ferro, portos e obras estratégicas de transporte e energia na Argentina, no Brasil e na Bolívia. No entanto, na maioria dos casos, os laços económicos bilaterais com a Rússia

<sup>8</sup> Kuznetsov, "Russian Direct Investment in Countries of Latin America", 2022.

<sup>9</sup> Hebebrand, C., e Glauber, J., "Russia-Ukraine war one year on: Impacts on fertilizer production, prices, and trade flows", *International Food Policy Research Institute Blog*, March 9, 2023.



limitam-se a anúncios de intenções ou acordos estratégicos com o governo ou grandes empresas privadas locais, que raramente se traduzem em investimentos efetivos. Apesar disso, o Kremlin tem conseguido aproveitar estes acordos preliminares para se posicionar como um ator económico relevante nos países, condicionando a sua implementação de acordo com a orientação geopolítica do governo no poder.

## Setores estratégicos vulneráveis

Em conformidade com a sua estratégia global, o Kremlin dá prioridade aos setores do petróleo e do gás também na América Latina, onde as empresas russas possuem uma vasta experiência e conhecimentos especializados. A presença da Rússia nestes setores inclui intervenientes importantes, como a Gazprom, a Rosneft, a Lukoil e a Surgutneftegas, entre outras empresas afiliadas. A Venezuela destaca-se como o principal foco, com cerca de 23% dos acordos bilaterais entre os dois países, de 2004 a 2023, centrados especificamente no setor da energia. Estes acordos incluem empreendimentos conjuntos, aquisições, investimentos, empréstimos, renegociações de dívidas, afetação de campos petrolíferos, comércio de petróleo bruto e acordos de cooperação.

### Energia e recursos críticos

A parceria energética russo-venezuelana tem sido a joia da coroa da estratégia do Kremlin para relançar e reforçar a sua presença na América Latina. A Rosneft exerceu uma influência considerável sobre a empresa estatal venezuelana de petróleo e gás, PDVSA, **gerindo 75% das exportações de crude do país** através dos seus intermediários comerciais e marítimos antes do levantamento das sanções impostas ao regime de Maduro pelos EUA.<sup>10</sup> Após o levantamento das sanções, as exportações de crude venezuelano para as refinarias americanas no Golfo do México aumentaram para 250.000 bpd, o que poderá ter facilitado a entrada de pequenos volumes de crude no mercado americano por parte da Rosneft, em violação da proibição imposta pelo G7 às importações de petróleo russo.

A influência da Rússia no setor da energia não se limita à Venezuela, embora o seu impacto noutros países produtores de petróleo e gás da América Latina tenha sido reduzido. Na Argentina, a Rússia manifestou inte-

resse numa série de projetos, incluindo a construção de barragens hidroelétricas, centrais de GNL, o desenvolvimento de campos de gás convencional e de xisto e a aquisição de infraestruturas de transporte e armazenamento de petróleo e gás. A maior parte destas tentativas de investimento não se concretizaram, mas **refletem claramente a ambição do Kremlin** na região.

Entre 2014 e 2024, a Gazprom e a Lukoil procuraram repetidamente aceder ao setor do petróleo e do gás da Argentina em parceria com a empresa estatal Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF). A Lukoil trabalhou em estreita colaboração com uma rede de empresas e políticos ligados aos governos da família Kirchner, com o objetivo de entrar no mercado grossista e retalhista de produtos petrolíferos refinados do país.

A Gazprom, por seu lado, tem procurado expandir a presença da Rússia na produção de gás natural na América Latina, especialmente na Bolívia. Embora as atividades de exploração ainda não tenham identificado reservas comercialmente viáveis, o seu envolvimento reflete a estratégia russa de **estabelecer dependências energéticas** mesmo antes de os recursos estarem totalmente desenvolvidos.<sup>11</sup> Além disso, neste país, os negócios de gás natural com a Rússia foram objeto de escrutínio devido a possíveis **omissões nas normas de diligência devida**.

Ao estabelecer laços mais estreitos com os países ricos em gás, a Rússia procura posicionar-se para influenciar o panorama da segurança energética na região, recorrendo aos seus conhecimentos técnicos e oferecendo financiamento alternativo aos países com acesso limitado aos mercados ocidentais.

A Rússia também procurou desenvolver **projetos de energia nuclear** em toda a América Latina, embora apenas a Argentina, o Brasil e o México disponham de setores avançados de energia nuclear, estão em funcionamento na região 16 **reatores de investigação**: cinco na Argentina, quatro no Brasil, dois no México, dois no Peru, um no Chile, um na Colômbia e um na Jamaica, respetivamente. A empresa nuclear estatal russa Rosatom demonstrou um interesse direto nestes projetos.

Na Argentina, a Rússia e o governo local têm estado a discutir uma possível colaboração para aumentar o desenvolvimento da indústria nuclear do país. Nos últimos 15 anos, a Rússia tem estado a tentar construir

<sup>10</sup> Portal Portuario, “Venezuela: Exportações de petróleo aumentam em 2023 com o abrandamento das sanções dos EUA”, 4 de janeiro de 2024.

<sup>11</sup> Los Tiempos, “Evo posesiona al cuarto presidente de Yacimientos”, 24 de março de 2007.

uma nova central nuclear na Argentina, mas sem sucesso, em parte devido à forte **concorrência da China**.

A Bolívia, no entanto, representa um caso em que a Rússia conseguiu uma influência muito maior sobre a sua incipiente indústria nuclear. Em 2016, um acordo intergovernamental autorizou a empresa estatal russa de energia nuclear Rosatom a **construir um Centro de Investigação e Tecnologia Nuclear (NRTC) de 300 milhões de dólares** na cidade de El Alto.<sup>12</sup> Em março de 2023, a instalação já estava a produzir os primeiros radiofármacos, capazes de tratar cerca de 5.000 pacientes por ano.<sup>13</sup>

**A estratégia empresarial da Rosatom na Bolívia tem estado estreitamente ligada aos objetivos políticos do Kremlin**, centrados na expansão da sua influência política no país. Sergey Kiriyyenko, antigo presidente da Rosatom e atual vice-chefe da administração presidencial russa, tem sido o principal coordenador destes esforços. Como os interesses empresariais e políticos do Kremlin na Bolívia estavam tão intimamente ligados à presidência de Morales, Moscovo não hesitou em apoiar o líder boliviano quando este enfrentou uma reeleição complicada em 2019. Em janeiro desse ano, a Rosatom **enviou estratégias políticas** num esforço para aumentar a popularidade de Morales. Estes conselheiros, especialistas em gestão de campanhas políticas locais na Rússia, concentraram-se nas redes sociais e na blogosfera, amplificando as mensagens de campanha de Morales e tentando difamar ou desacreditar os seus adversários.<sup>14</sup>

A Rosatom tem sido muito hábil em **envolver outros países em negócios de infraestruturas de energia nuclear a longo prazo**, muitas vezes com viabilidade económica questionável. O sucesso da empresa no desenvolvimento de uma instalação de investigação nuclear na Bolívia é um exemplo claro desta estratégia, que vem diretamente do “manual do Kremlin” na Europa Central e Oriental.<sup>15</sup> Nestas regiões, a Rússia explorou os défices estruturais do mercado, a falta de independência das entidades reguladoras e as deficiências generalizadas na gestão das empresas públicas locais

para atrair os países anfitriões para projetos de infraestruturas energéticas dispendiosos e desnecessários. Moscovo facilitou esses projetos atraindo **os intermediários do poder** local, oferecendo-lhes oportunidades de negócio patrocinadas pelo governo e promessas de elevados retornos. Esta estratégia não só serve os interesses comerciais estratégicos do Kremlin, como também contribui para os seus objetivos de política externa, consolidando redes de influência que alargam o seu alcance geopolítico.

A Rosatom também demonstrou interesse em participar no desenvolvimento das **reservas de lítio** da América Latina, especialmente na Bolívia. Em 2023, através da sua filial Uranium One, assinou um acordo de 450 milhões de dólares com a empresa boliviana Yacimientos de Lítio Bolivianos (YLB) para construir uma fábrica de extração de lítio nas salinas de Uyuni. Prevê-se que o projeto inicie a produção em 2025 e atinja uma capacidade de 25.000 toneladas em 2027.<sup>16</sup> O Grupo Uranium One foi uma das duas empresas internacionais escolhidas pela YLB, juntamente com a empresa chinesa CITIC Guoan, para desenvolver uma fábrica piloto com capacidade para produzir 1.000 toneladas de carbonato de lítio por ano nas salinas de Uyuni e Pastos Grandes.<sup>17</sup>

No entanto, o processo de seleção de ambas, a empresa foi criticada **por falta de transparência**, uma vez que não foram publicados relatórios sobre os critérios de avaliação e a seleção dos participantes, nem foram divulgados os termos dos acordos assinados. Consequentemente, tanto o âmbito como os termos específicos dos acordos permanecem desconhecidos.

## Agricultura e fertilizantes

O setor agrícola da América Latina está fortemente dependente dos fertilizantes russos, uma dependência que Moscovo tem cultivado para **influenciar a política externa dos países da região**. Um exemplo claro dessa dinâmica ocorreu em 2022, quando o Brasil liderou os esforços para pressionar a comunidade internacional a excluir os fertilizantes do regime de sanções contra a Rússia.

Esta iniciativa reflete o receio do Brasil de que as perturbações no abastecimento possam afetar a segurança alimentar e a vitalidade do seu vasto setor agrícola. O

<sup>12</sup> Sputnik, “Bolívia inaugura 2ª etapa do centro de pesquisa nuclear mais alto do mundo, com apoio da Rosatom” 25 de outubro de 2023.

<sup>13</sup> Associação Brasileira de Energia Nuclear, “Bolívia produz primeiros radiofármacos” 15 de março de 2023.

<sup>14</sup> Badanin, R. et al., “How Russia Secretly Helps Evo Morales to Win the Fourth Election”, *Proekt*, October 23, 2019.

<sup>15</sup> Shentov, O., Stefanov, R., Vladimirov, M. (eds.), *The Kremlin Playbook in Europe*, Sofia: Center for the Study of Democracy, 2020.

<sup>16</sup> Agência Boliviana de Informação, “Uranium One Group vai investir dólares 450 milhões de”, 13 de dezembro de 2023.

<sup>17</sup> Los Tiempos, “Gobierno firma convenios con empresas de China y Rusia para explotar el litio”, 29 de junho de 2023.

poder da Rússia neste setor pode ser ainda mais reforçado, uma vez que o país tem capacidade para continuar a aumentar a sua quota no mercado mundial de fertilizantes, já que é o principal produtor de gás natural, a matéria-prima para a produção de fertilizantes, e controla cerca de 20% das reservas mundiais de potássio.<sup>18</sup>

Empresas russas como a Uralkali e a EuroChem reforçaram a sua presença no Brasil através de aquisições estratégicas. A EuroChem, por exemplo, **investiu mais de 2 mil milhões de dólares** em projetos que, até 2024, poderão satisfazer 15% da procura brasileira de fertilizantes.<sup>19</sup> Na Bolívia, os fertilizantes russos representam mais de metade das importações totais do país, enquanto a Acron assinou acordos para comercializar fertilizantes produzidos em parceria com empresas de gás locais. Entretanto, na Argentina, o comércio agrícola com a Rússia intensificou-se, tornando-a um mercado importante para a carne de bovino argentina e outros produtos agrícolas.<sup>20</sup>

A estratégia da Rússia na agricultura e nos fertilizantes espelha a sua abordagem noutros setores, **combinando a atividade comercial com a influência política**. Ao controlar fornecimentos críticos e ao manter uma forte presença na produção alimentar regional, a Rússia pode influenciar subtilmente as decisões políticas das nações latino-americanas, alinhando-as mais estreitamente com a sua estratégia global. Moscovo procura posicionar-se como um mercado-chave para os produtos alimentares latino-americanos e como um importante fornecedor de fertilizantes, desafiando assim a quota de mercado tradicionalmente detida pelos Estados Unidos.

## Finanças

O reforço da integração da América Latina nos mercados financeiros mundiais, tem alimentado o crescimento do uso de **centros financeiros offshore**. Estes centros, conhecidos por regimes fiscais favoráveis, regulamentações permissivas e elevados níveis de sigilo financeiro, tornaram-se canais fundamentais para os fluxos de capitais de e para a região. Este fenómeno é particularmente notório no caso da Rússia, que recorreu a prestadores de serviços a empresas e a bancos situados nas Caraíbas para **camuflar os movimentos de fundos** e evitar o controlo. O Panamá, em particular,

<sup>18</sup> Gielow, I., “NUCLEAR - Lula retoma agenda nuclear com a Rússia, ponto de atrito com os EUA”, *Defesanet*, April 19, 2023.

<sup>19</sup> InfraRoi, “EuroChem obtém licença ambiental para produzir fertilizantes em MG”, 10 de janeiro de 2024.

<sup>20</sup> Instituto de Promoción de la Carne Vacuna, “La carne argentina pisa fuerte en Rusia”, 2019.

tornou-se um local estratégico para as empresas russas, incluindo grandes bancos e entidades estatais, estabelecerem filiais. A fuga de informação *dos Panama Papers* em 2016 revelou numerosas empresas ligadas à Rússia que utilizam jurisdições offshore para **fugir aos impostos e salvaguardar ativos**. Apesar das reformas regulamentares em curso no Panamá, o país continua a ser um destino preferencial para os fluxos financeiros russos.

As jurisdições offshore na América Latina proporcionam a Moscovo um escudo contra as sanções e uma alternativa às redes financeiras ocidentais. O processo de dissimulação financeira vai além do simples movimento de capitais; inclui também **o registo da vasta frota russa de petroleiros e navios de gás fantasma**. Desta forma, a Rússia pode contornar as sanções internacionais destinadas a restringir as suas exportações de energia, assegurando assim os fluxos de caixa necessários para sustentar o seu esforço de guerra na Ucrânia. Além disso, a sua integração no sistema financeiro latino-americano proporcionou-lhe uma base segura a partir da qual pode gerir os seus interesses económicos globais, especialmente em setores-chave como a energia e a exploração mineira.

Os registos empresariais russos indicam que existem 726 empresas russas com proprietários panamianos. Destas, 624 foram canceladas entre 2002 e 2024, e mais de 60% desses cancelamentos ocorreram depois de 2016, quando os *Panama Papers* foram divulgados. Apesar desta fuga de informação e dos subseqüentes cancelamentos em massa de registos de empresas, não foi instaurado na Rússia um único processo penal relacionado com esta situação. A Procuradoria-Geral da Rússia justifica este facto com a falta de vontade do Panamá em cooperar no âmbito das investigações.<sup>21</sup>

## Militar

Através de múltiplos acordos militares, a Rússia tem conseguido estabelecer uma presença na América Latina, permitindo-lhe influenciar as posições da região em questões de segurança e conflitos internacionais, reforçando assim a influência geopolítica de Moscovo. Um dos exemplos mais recentes desta estratégia ocorreu no início de fevereiro de 2024, quando a Rússia proibiu a importação de bananas do Equador (supostamente por razões sanitárias), uma medida claramente retaliatória pela decisão deste país de transferir armas, incluindo helicópteros da era soviética, lança-foguetes,

<sup>21</sup> Shleyonov, R., “С Панамы выдачи нет” [Sem extradição do Panamá], *Novaya Gazeta*, 28 de maio de 2019.



lança-granadas e sistemas de mísseis antiaéreos, para a Ucrânia.<sup>22</sup>

Os contratantes militares e os comerciantes de armas controlados pelo Kremlin estabeleceram uma cooperação com a Venezuela, Cuba e Nicarágua.<sup>23</sup> A Rússia continuou a fornecer equipamento às forças armadas venezuelanas e a prestar apoio técnico, apesar dos desafios logísticos decorrentes da guerra na Ucrânia. Na Bolívia, os acordos militares suscitaram preocupações quanto à transparência, uma vez que foram negociados à margem da opinião pública e sem supervisão parlamentar. A Rússia também reforçou os laços de segurança com o Brasil, concedendo-lhe acesso ao sistema de navegação por satélite GLONASS, que é diretamente controlado pelas Forças de Defesa Aeroespacial russas. Embora as tentativas da Rússia de vender armas à Argentina em 2010 tenham sido largamente infrutíferas, os recentes acordos de cooperação para o fornecimento de helicópteros do exército, indicam que Moscovo continua a procurar parcerias militares em toda a região, mesmo num ambiente geopolítico mais restrito.

## Captura de elite

A influência russa na América Latina baseia-se na exploração de lacunas na governança, como a corrupção, a falta de transparência e a fragilidade do Estado de direito. Ao apoiar **elites** e facções políticas que simpaticizam com os seus interesses, a Rússia conseguiu inserir-se nos sistemas políticos dos países latino-americanos. Este apoio assume a forma de ajuda financeira, aconselhamento estratégico, formação militar e cooperação em matéria de informação.

A influência económica, que frequentemente sustenta a estratégia russa através da convergência de interesses oligárquicos e políticos, é reforçada por uma série de **instrumentos de poder agudo**. Estes incluem a utilização de campanhas de desinformação direcionadas, o financiamento da sociedade civil e de organizações culturais com o objetivo de alterar o discurso público estratégico a favor da Rússia e a cooptação de movimentos políticos que possam atuar como intermediários para as elites no poder. O êxito dos instrumentos de poder agudo depende, em grande medida, da coo-

peração dos facilitadores locais, figuras-chave que se tornam instrumentos da agenda do Kremlin.

A exploração das lacunas de governação pela Rússia estende-se também aos setores **dos meios de comunicação social e da sociedade civil**. Em países com uma fraca regulamentação dos meios de comunicação social e baixos níveis de liberdade de imprensa, os meios de comunicação social e **as campanhas de propaganda** russas podem operar com relativa impunidade, espalhando desinformação e promovendo narrativas pró-russas. Do mesmo modo, em países onde as organizações da sociedade civil carecem de recursos e de independência, a Rússia pode utilizar os intercâmbios culturais e académicos para reforçar a sua influência e cultivar aliados locais.

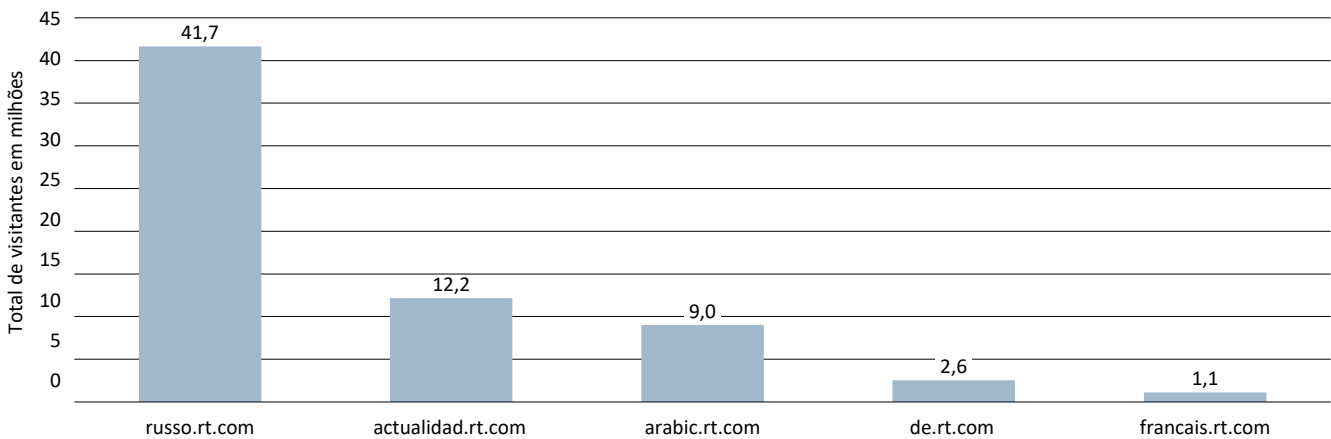
**Os meios de comunicação social russos controlados pelo Estado**, como a RT e a Sputnik, desempenham um papel crucial na formação da perceção pública, promovendo narrativas alinhadas com os interesses russos e minando a confiança nas democracias ocidentais. Estes meios de comunicação operam em espanhol, o que permite que os seus conteúdos cheguem a um vasto público em toda a região.

A estratégia dos meios de comunicação social do Kremlin centra-se na promoção de narrativas que ressoam com os sentimentos existentes na América Latina, como o **antiamericanismo, o anti-imperialismo e o ceticismo em relação à democracia liberal**. A cobertura mediática russa apresenta os EUA como uma potência hegemónica que procura impor a sua vontade a outros países, fazendo eco de queixas históricas na região. Do mesmo modo, as narrativas que criticam as intervenções ocidentais no Médio Oriente ou que sublinham os fracassos das políticas económicas neoliberais são concebidas para atrair o público latino-americano de esquerda.

Para além dos meios de comunicação tradicionais, a Rússia utiliza **plataformas digitais para amplificar as suas campanhas de desinformação**. Redes sociais como o Facebook, o X e o Telegram são utilizadas para divulgar conteúdos destinados a semear a discórdia, gerar confusão e polarizar a opinião pública. Ao explorar as divisões sociais e políticas das sociedades latino-americanas, estas campanhas têm por objetivo

<sup>22</sup> The Moscow Times, "Russia Stops Ecuador Banana Imports After U.S. Arms Deal", February 6, 2024.

<sup>23</sup> Dall'Agnol, A., Zabolotsky, B., e Mielniczuk, F., "O regresso do urso? O engajamento militar russo na América Latina: o caso do Brasil", *Military Review*, março de 2019, 99(2):128-139.

**Figura 3. Total de visitantes por subdomínio de IR em milhões (ano 2024)**

Fonte: CSD com base em dados SEMRUSH.

enfraquecer as instituições democráticas e minar a confiança no processo político.

O impacto destes instrumentos de poder agudo varia consoante a região. Em países como a Venezuela e a Bolívia, onde os governos já estão alinhados com os interesses russos, estas narrativas encontram uma audiência recetiva. No entanto, em países mais democráticos e com maior literacia mediática, como o Chile e a Argentina, a influência da desinformação russa é mais limitada. O efeito global destas campanhas é criar uma narrativa alternativa dos acontecimentos mundiais que desafia o ponto de vista dos media ocidentais e promove uma imagem mais favorável da Rússia.

A utilização do poder agudo não se limita aos meios de comunicação social. A Rússia também utiliza a **diplomacia cultural e os intercâmbios académicos** para influenciar as perceções. Instituições como a Fundação Russkiy Mir e a Rossotrudnichestvo promovem a língua e a cultura russas através de programas e parcerias com universidades e organizações culturais locais. Estas iniciativas têm por objetivo promover uma imagem positiva da Rússia e cultivar uma rede de influenciadores locais que possam defender os interesses russos.

Ao moldar a perceção pública e manipular a informação, a Rússia pretende criar um ambiente em que as suas ações sejam vistas como legítimas e apoiem os seus objetivos geopolíticos. Esta **manipulação do espaço de informação** é um elemento-chave da estratégia da Rússia para expandir a sua influência na América Latina e contrariar as narrativas ocidentais.

## Proteger a América Latina contra a captura do Estado

Ao estabelecer parcerias estratégicas, explorar redes informais e fazer investimentos de grande visibilidade, Moscovo pretende não só consolidar a sua presença económica, mas também **criar dependências a longo prazo** que alinhem as políticas latino-americanas mais estreitamente com os interesses russos. Muitos países da região carecem de salvaguardas legais e de instituições públicas fortes que garantam a transparência e o controlo independente, e que possam expor e contrariar a estratégia russa prejudicial. Por conseguinte, a sociedade civil desempenha um papel crucial para tornar visíveis as táticas do Kremlin.

Os intervenientes nacionais e os parceiros internacionais têm potencial para contrariar a influência autoritária da Rússia e reforçar as práticas democráticas na América Latina através da implementação de uma série de medidas, incluindo a **segurança económica, as reformas da governação e da responsabilização e a cooperação e apoio internacionais**, tais como:

- **Conceber estratégias para contrariar a captura do Estado:** os governos da América Latina, em colaboração com a sociedade civil e os parceiros internacionais, devem conceber, implementar e atuar com base em diagnósticos periódicos que avaliem a captura do Estado, identificando deficiências críticas na governação e uma concentração excessiva do mercado.

- **Identificar os negócios de alto risco:** A sociedade civil, com o apoio internacional, deve identificar os riscos de captura do Estado em setores sensíveis como a energia, a saúde e os meios de comunicação social. Os contratos públicos e os grandes projetos de infraestruturas são pontos de preocupação específicos.
- **Garantir a transparência da propriedade efetiva:** As autoridades devem identificar a propriedade efetiva do investimento direto estrangeiro (IDE) para evitar a concentração do mercado, combater o branqueamento de capitais e impedir que empresas estatais autoritárias adquiram ativos essenciais.
- **Combater o branqueamento de capitais e a evasão às sanções:** Os parceiros internacionais devem pressionar os centros financeiros offshore das Caraíbas, para que travem a transferência contínua de ativos financeiros de empresas russas sancionadas. As autoridades ocidentais devem cooperar com os funcionários panamianos na **identificação das companhias de navegação controladas pela Rússia** que operam no país e que gerem a grande frota de petroleiros fantasma que transportam crude russo para todo o mundo. Os EUA devem utilizar mais ativamente a *Lei sobre Práticas de Corrupção no Estrangeiro* e alargar o âmbito da *Lei Magnitsky Global* para investigar a corrupção de alto nível na América Latina, especialmente a que favorece os interesses estratégicos russos. A OCDE também deve utilizar os seus instrumentos anticorrupção na região.
- **Diversificação das fontes de abastecimento e dos fluxos de capitais estrangeiros:** os governos latino-americanos devem diversificar os investimentos, reduzir a dependência dos produtos russos e minimizar a exposição aos capitais provenientes de Estados autoritários. Os bancos centrais e as entidades reguladoras devem avaliar regularmente o impacto do capital corrosivo e dos fluxos financeiros ilícitos.
- **Impulsionar uma política económica positiva:** Nos seus esforços para alcançar um desenvolvimento económico sustentável, a América Latina deve contrariar a militarização do comércio e do capital por parte dos Estados autoritários através de uma política mais ativa de investimento estratégico por parte dos EUA, da UE e das economias do G7, introduzindo mais concorrência e transparência empresarial.
- **Promover a cooperação regional:** É essencial estabelecer abordagens regionais, para gerir a vulnerabilidade à captura do Estado e institucionalizar normas de governação democrática através da participação da sociedade civil e do setor empresarial.
- **Combater a desinformação:** Os governos devem reduzir a propagação de propaganda estrangeira nociva patrocinada pelo Estado e reforçar as respostas contra a captura dos media e a desinformação. É especialmente importante que a sociedade civil e as instituições públicas na América Latina desenvolvam uma abordagem **de parceria público-privada** para acabar com o abuso de meios de comunicação social para fins políticos, incluindo o abuso por parte de potências estrangeiras.

O retrocesso democrático, a **incerteza económica** e a alteração das prioridades geopolíticas afetam a independência das organizações não governamentais (ONG), dos meios de comunicação social e do mundo académico na América Latina, enfraquecendo a sua capacidade de agir como uma voz forte da sociedade civil. Estas entidades poderiam beneficiar de uma abordagem mais global e regional, aumentando a sua capacidade através do reforço das suas relações tanto na América Latina como com organizações internacionais. É essencial criar **redes regionais de ONG** centradas nas vulnerabilidades recorrentes à **captura do Estado** na região. Dado que os recursos são limitados, é importante **contar com o apoio do setor privado nacional**.

